



Revista Contemporânea de Contabilidade

ISSN: 1807-1821

sensslin@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Guedes Damascena, Luzivalda; Dantas de França, Robério; Gomes da Silva, José
Dionísio

Relação entre locus de controle e resiliência: um estudo com profissionais contábeis
Revista Contemporânea de Contabilidade, vol. 13, núm. 29, mayo-agosto, 2016, pp. 69-
90

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76246847004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Relação entre *locus* de controle e resiliência: um estudo com profissionais contábeis

Relationship between locus of control and resilience: a study with accounting professionals

Relación entre el locus de control y resiliencia: un estudio con profesionales de contabilidad

Luzivalda Guedes Damascena

Mestre em Ciências Contábeis pelo Programa Multi-institucional e Inter-regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da UnB/UFPB/UFRN

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

Endereço: Unidade Acadêmica de Gestão - Av. João da Mata, nº 256 – Bairro Jaguaribe

CEP: 58.015-020 – João Pessoa/PB- Brasil

E-mail: luzivaldaguedes@gmail.com

Telefone: +55 (83) 3612-1266

Robério Dantas de França

Mestre em Ciências Contábeis pelo Programa Multi-institucional e Inter-regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da UnB/UFPB/UFRN

Professor da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Endereço: Departamento de Finanças e Contabilidade – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus I, Bairro Jardim Cidade Universitária

CEP: 58.051-900 – João Pessoa/PB- Brasil

E-mail: roberiodantas@terra.com.br

Telefone: +55 (83) 3216-7459

José Dionísio Gomes da Silva

Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo

Professor do Programa Multi-institucional e Inter-regional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da UnB/UFRN/UFPB

Endereço: Av. Sen. Salgado Filho, nº3000, CCSA, Departamento de Ciências Contábeis - Lagoa Nova

CEP: 59.072-970 – Natal/RN - Brasil

E-mail: dionisio@ufnet.br

Telefone: +55 (84) 3232-5836

Artigo recebido em 06/08/2015. Revisado por pares em 18/06/2016. Reformulado em 07/07/2016. Recomendado para publicação em 10/07/2016 por Sandra Rolim Ensslin (Editora Científica). Publicado em 26/08/2016.

Resumo

Objetiva-se analisar como os indivíduos que lidam com a profissão contábil se posicionam em relação às decisões da vida e em relação à resiliência. Trata-se de uma *survey* com amostra de 303 profissionais contábeis. A pesquisa é exploratória e quantitativa. Nesse sentido, três hipóteses de pesquisa foram testadas sobre a relação com cada subdimensão do *locus* de controle e o nível de resiliência. Os resultados confirmam a existência de relação direta e significativa entre a subdimensão do *Locus* de Controle Interno (LCI) e o nível de resiliência. Considera-se finalmente que há predominância de LCI nos profissionais contábeis do gênero masculino, bem como se observou que aqueles com maior formação profissional e os do sexo feminino apresentaram características de maior resiliência.

Palavras-chave: *Locus* de controle. Resiliência. Profissionais contábeis. Comportamento profissional.

Abstract

The aim of this study is to analyze how individuals that deal with the accounting profession are positioned with respect to decisions of life and in relation to resilience. We consider a survey with a sample of 303 professional accounting. The research is exploratory and quantitative. In this sense, we tested three research hypotheses related to the relationship in each one of the sub dimension of locus of control and the level of resilience. The results in this research confirm the existence of a direct and significant relationship between the sub dimension of the internal locus of control (LCI) and the level of resilience. We find that there is a predominance of LCI in male accounting professionals and that those with higher vocational training and females showed greater resilience characteristics.

Keywords: Locus of control. Resilience. Accounting professionals. Professional behavior.

Resumen

El objetivo es analizar cómo los individuos tratan de la profesión contable se posicionan con respecto a las decisiones de la vida y en relación a resiliencia. Se trata de uno estudio con una muestra de 303 profesionales de contabilidad. La investigación es exploratoria y cuantitativa. En este sentido, tres hipótesis de investigación fueron probados en la relación con cada subdimensión de locus de control y el nivel de resiliencia. Los resultados confirman la existencia de una relación directa y significativa entre la subdimensión del locus de control interno (LCI) y el nivel de resiliencia. Por último, considera que hay un predominio de la LCI en los profesionales de contabilidad masculinos, y se observó que las personas con mayor formación y mujeres profesionales mostraron mayores características de resiliencia.

Palabras clave: Locus de control. Resiliencia. Profesionales de la contabilidad. Comportamiento profesional.

1 Introdução

Partindo do entendimento de que a contabilidade comportamental busca estudar a relação entre o grau de confiança da informação contábil e o comportamento individual (e/ou em grupo) de profissionais da área, no tocante à tomada de decisão, e que materialmente os sistemas de contabilidade podem ser influenciados pelo comportamento desses profissionais, evidencia-se a necessidade de utilizar abordagens alternativas nesse contexto, a exemplo deste estudo, visando conhecer melhor a percepção desse profissional frente a seu *locus* de controle e seu nível de resiliência.

O *locus* de controle tem sido compreendido como a crença do indivíduo em relação à porção de controle do próprio destino. O entendimento do conceito ainda é ampliado com a consideração de duas de suas principais subdimensões, que são: o *Locus* de Controle Interno (LCI) e o *Locus* de Controle Externo (LCE) (BOYDSTON; HOPPER; WRIGHT, 2007).

Para Rodrigues (2007), as pesquisas envolvendo essa temática enumeram várias características atribuídas aos sujeitos com orientação interna (LCI), como o fato de que tais sujeitos são mais resistentes à coerção, aceitam mais os desafios, apresentam maior persistência no esforço para obter resultados e são mais resistentes à influência social, não a rejeitando, mas escolhendo a qual influência se submeterão. Já os sujeitos externos (LCE) sofrem mais influência afetiva e são mais passíveis de influência persuasiva (DELA COLETA, 1982).

Na visão de Grotberg (2005), a resiliência consiste na capacidade humana de enfrentar e superar adversidades, saindo fortalecido ou transformado. Para Conner (1995), as pessoas com maior capacidade de resiliência estão mais preparadas, absorvem prontamente as transformações e, ao mesmo tempo, apresentam poucas disfunções causadas por essas alterações, ou seja, conseguem boa adaptação às mudanças.

O campo de estudo da resiliência, segundo Pesce *et al.* (2005), vem sendo construído recentemente, em especial nas ciências humanas e sociais. Embora alguns autores (STARR, NEWFROCK; DELUREY, 2003; POLLETO; KOLLER, 2008) tenham se dedicado ao estudo dos fatores que levam o sujeito a lidar positivamente com dificuldades, existe um caminho a ser percorrido até que se chegue a hipóteses mais concretas. Contudo, mesmo em fase inicial, a resiliência se instaurou no campo das ciências humanas e sociais.

Diante do exposto, elabora-se a seguinte questão de pesquisa: Quais relações e características estão presentes nos profissionais contábeis no que se refere aos construtos *Locus* de Controle e Resiliência? Objetiva-se analisar as relações e características entre o *locus* de controle e a resiliência do profissional contábil, ou seja, como os indivíduos que lidam com essa profissão se posicionam em relação às decisões da vida e o seu nível de resiliência, evidenciando, por exemplo, a capacidade de adaptar-se aos períodos de transição ou de mudanças ambientais, que, em geral, são períodos de muito estresse.

Nesse sentido, três hipóteses de pesquisa foram testadas sobre a relação com cada subdimensão de *locus* de controle e o nível de resiliência. Os resultados evidenciam que os profissionais contábeis possuem LCI e alta resiliência, indicando que tais indivíduos possuem as características e atitudes constantes na literatura (BOYDSTON; HOPPER; WRIGHT, 2007; RODRIGUES, 2007). Além disso, evidenciou-se que os homens possuem um LCI maior do que as mulheres, e, de outro modo, as mulheres apresentaram um nível de resiliência superior ao dos homens na amostra desta pesquisa.

Embora Rodrigues (2007) tenha revelado que, na literatura, há alguma tendência de correlacionar o LCI a características vistas como mais positivas em diversas áreas (negócios, educação, saúde, entre outros), os pesquisadores deste estudo não encontraram trabalhos com averiguação concomitante das duas temáticas abordadas aqui. Assim, pretende-se contribuir com a literatura sobre os temas *locus* de controle e resiliência, uma vez que foi possível constatar essa lacuna a ser preenchida dentro da pesquisa comportamental em Contabilidade, levando-se em consideração a interdisciplinaridade dessa área de conhecimento, justificando esta pesquisa.

A estruturação da pesquisa contempla cinco seções: além desta introdução, um referencial teórico aborda as temáticas da contabilidade comportamental e o perfil do profissional contábil, *locus* de controle e da resiliência; os procedimentos metodológicos explicam como a pesquisa foi realizada; a análise dos principais resultados; as considerações finais contemplam as limitações e sugestões para futuras pesquisas; e, por fim, apresentam-se as referências.

2 Referencial Teórico

2.1 Contabilidade Comportamental e o Perfil do Profissional Contábil

Na rotina do profissional contábil são comuns situações que envolvam tomada de decisões. Há, na literatura, investigações de como esses processos de tomada de decisões ocorrem, utilizando princípios comportamentais oriundos da psicologia, como encontrado em Tversky e Kahneman (1981), Baker e Nofsinger (2002), Ariely (2008) e Lucena, Fernandes e Silva (2011). Essa abordagem faz surgir uma nova área estabelecida no pensamento contábil: a contabilidade comportamental, a qual integra a dimensão do comportamento humano aplicado à contabilidade (LUCENA; FERNANDES; SILVA, 2011).

A contabilidade comportamental é um campo de estudo que necessita da interdisciplinaridade com outras áreas, principalmente com a Psicologia, com o objetivo de melhor entender as questões comportamentais que envolvem os operadores da Contabilidade. Associado a isso, acredita-se que a pessoa do profissional contábil pode ter influências intrínsecas ao seu comportamento, refletindo de alguma maneira na execução dos seus trabalhos e influenciando no resultado final, como, por exemplo, na elaboração de demonstrações contábeis.

De acordo com Siegel e Ramanauskas-Marconi (1989), o campo de aplicação da contabilidade comportamental pode ser dividido em três áreas gerais: (i) o efeito do comportamento humano sobre a concepção, construção e utilização do sistema de contabilidade; (ii) o efeito do sistema de contabilidade sobre o comportamento humano; e (iii) os métodos de previsão e estratégias para alterar o comportamento humano. Esta pesquisa está mais interessada no primeiro ponto, pois algumas características encontradas no perfil dos profissionais contábeis, quanto ao seu *locus* de controle e seu nível de resiliência, poderão exercer alguma influência na operacionalização dos trabalhos contábeis.

Em adição, para uma boa execução do seu trabalho, o profissional da contabilidade precisa dispor de várias habilidades, como iniciativa, coragem, ética, visão de futuro, negociação, agilidade, segurança para solucionar problemas, além de ser dinâmico, flexível e possuir boa capacidade de inovar e criar, sobretudo na sua área de atuação. Assim, esse perfil,

ou essas habilidades, pode se manifestar de formas diferentes a depender dos aspectos comportamentais de cada profissional.

Nessa perspectiva, Lucena, Fernandes e Silva (2011) evidenciaram que os profissionais que operacionalizam a contabilidade, dependendo das situações empregadas, são influenciados pelos efeitos cognitivos de excesso de confiança, heurística da relatividade (efeito ancoragem) e julgamentos probabilísticos. Relacionando seus achados ao gênero, os autores encontraram que, no quesito influências pelos efeitos cognitivos, os homens eram mais afetados, já as mulheres apresentaram menos ou nenhum excesso de confiança.

Relacionando práticas e comportamentos de profissionais da contabilidade, pesquisas identificam que há diferenças no comportamento desse profissional em função do gênero (REED; KRATCHMAN; STRAWSER, 1994), do *locus* de controle (TSUI; GUL, 1996), mas não foram encontradas evidências do perfil dos profissionais contábeis em relação ao seu nível de resiliência.

Como brevemente observado, nota-se que há uma relação entre o perfil dos profissionais contábeis e seus aspectos comportamentais. Essa pesquisa avança, na literatura da contabilidade comportamental, no sentido de se analisar o perfil desses profissionais, associado ao modo de como esses indivíduos se posicionam em relação às decisões da vida e quanto são resilientes para enfrentar períodos de transição ou de mudanças ambientais, por meio dos construtos de *locus* de controle e resiliência apresentados a seguir.

2.2 Locus de Controle

A expressão *locus* de controle tem origem no livro *Social Learning and Clinical Psychology*, publicado, em 1954, por Julian Rotter, no desenvolvimento da teoria da aprendizagem social, no qual se descreve o comportamento como uma função das expectativas, do valor do reforço e do impacto das situações psicológicas. O *locus* de controle tem sido objeto de análise e também fator explicativo para a variação de uma série de variáveis dependentes em estudos de algumas áreas, tais como psicologia (TAMAYO, 1989; OLIVER; JOSE; BROUGH, 2006), qualidade de vida (RODRIGUES, 2007; APRIL; DHARANI; PETERS, 2012) e empreendedorismo (CALLADO; GOMES; TAVARES, 2006; BOYDSTON; HOPPER; WRIGHT, 2007; MACIEL; CARMARGO, 2010).

De acordo com Dela Coleta (1982, p. 90), “*Locus* de Controle é um construto que pretende explicar a percepção das pessoas a respeito da fonte de controle dos eventos, se própria do sujeito – interno – ou pertencente a algum elemento fora de si próprio – externo”. Esse construto contempla conceitos importantes das psicologias social, da personalidade, da aprendizagem, entre outras áreas, e procura unificar as diversas correntes psicológicas, tais como o behaviorismo e o cognitivismo (RIBEIRO, 2000).

Rodrigues (2007) explica que, além de interferir nas metas de vida, o *locus* de controle também influencia os comportamentos cotidianos e se refere a como as pessoas percebem as contingências relacionadas entre suas ações e os resultados. Na visão de Levenson (1973), o construto *locus* de controle é uma dimensão perceptiva, e não unidimensional como propôs Rotter (1966), tendo, portanto, três dimensões: I, P e C, onde: I = Internalidade, P = Outros poderosos (*powerful others*) e C = Acaso. Assim, o LCE se subdivide nas duas últimas subdimensões. Neste estudo, será utilizada a terminologia proposta por Levenson.

Conforme Ribeiro (2000), os predominantemente internos têm tendência a categorizar as situações em função da própria competência, ou seja, sob o controle pessoal, enquanto os

predominantemente externos tendem a categorizá-las em função da sorte e, por isso, fora do próprio controle. Esses achados empíricos têm revelado aspectos comportamentais importantes em indivíduos que são objetos das ciências humana e social, uma vez que essas características relacionadas ao seu perfil, tais como gênero, idade e escolaridade, podem impactar nos trabalhos desenvolvidos pelas pessoas em áreas ou setores específicos.

Reed, Kratchman e Strawser (1994), destacando um ambiente de desigualdade dos sexos nos Estados Unidos, investigaram o impacto do gênero e *locus* de controle sobre as experiências e práticas de profissionais de contabilidade. Os achados revelam que as mulheres não eram menos comprometidas com suas organizações do que os homens, e as que possuíam uma orientação externa (LCE) expressaram menos satisfação com suas posições atuais e maiores intenções de procurar oportunidades alternativas.

Das relações já estudadas, cita-se a encontrada em Tsui e Gul (1996), na qual os autores investigaram a interação entre *locus* de controle (pela escala de ROTTER, 1966) e o raciocínio ético no comportamento dos auditores, em uma situação de conflito. Segundo os autores supracitados, o raciocínio ético moderou a relação entre *locus* de controle e habilidade dos auditores para resistir à pressão da gestão. Em outras palavras, tanto a personalidade quanto o raciocínio ético são determinantes significativos de comportamento e ação dos auditores em uma situação de dilema ético.

Para Judge *et al.* (2002), o *locus* de controle está associado às medidas de autoestima, estabilidade emocional (neuroticismo) e autoeficácia generalizada. Ng, Sorensen e Eby (2006) investigaram, por meio de uma meta-análise, diversas pesquisas que abordaram o *locus* de controle relacionados ao bem-estar, à motivação e à orientação comportamental. O estudo foi o primeiro a demonstrar empiricamente que *locus* de controle está relacionado a uma ampla gama de resultados no ambiente de trabalho.

Em sua tese, Rodrigues (2007) constatou que o LCI de universitários, de diversos cursos (inclusive o de Ciências Contábeis), possui correlação significativa com o bem-estar subjetivo, felicidade, afeto positivo e satisfação de vida. A análise dos dados também revelou que os sujeitos com alto grau de controle interno eram mais realizados. Miranda *et al.* (2014), após investigarem a influência de variáveis comportamentais no desempenho acadêmico, evidenciaram possíveis influências de sexo, idade e de LCE na performance dos alunos em Ciências Contábeis. O LCI aparece como o mais frequente nos indivíduos empreendedores e futuros profissionais. Assim, conforme os discursos teórico e empírico, empregados nas áreas afins, acredita-se que os profissionais contábeis possuam características de controle próprio, tendendo, portanto, a um LCI.

Maciel e Camargo (2010), ao relacionar os elementos do comportamento empreendedor, *locus* de controle e desempenho organizacional, observaram uma influência negativa de LCE sobre desempenho, e uma influência positiva de LCI sobre o comportamento empreendedor. Eles destacam a capacidade de LCI potencializar a influência do comportamento empreendedor sobre o desempenho. Outros estudos buscaram associar o *locus* de controle com outras variáveis empreendedoras, a exemplo de Oliveira (2010) ao determinar o grau de associação entre o LCI e a obtenção de efetividade empresarial. Com uma amostra de 223 respondentes, revelou que os empreendedores possuem predominantemente o LCI, havendo uma correlação com o comprometimento.

A literatura inicial de Rotter (1966) buscou direcionar os aspectos positivos para o LCI, e os negativos para o LCE, mas, logo em seguida, outros pesquisadores (LEVENSON, 1973; DELA COLETA, 1982) começaram a defender que não há necessariamente um *locus*

melhor ou pior, dado que as circunstâncias é que ditarão os aspectos bons e ruins de cada dimensão (interna e externa). Fisher (1996), por exemplo, ao apresentar uma hipótese de que a percepção de incerteza ambiental aumenta em indivíduos com LCI, mais do que os possuidores de LCE, identificou um efeito significativo, mas em um sentido oposto ao esperado, ou seja, os indivíduos com LCE encontraram a informação mais útil quando confrontados com maior incerteza.

2.3 Resiliência nas Ciências Humanas e Sociais

A resiliência é um fenômeno importante no desenvolvimento humano, no entanto seu conceito encontra-se em fase de discussão, pois esse campo de pesquisa é recente na área das ciências humanas (OLIVEIRA *et al.* 2008). O tema é estudado por três diferentes correntes: a norte-americana ou anglo-saxônica (centrada no indivíduo), a europeia (afirmando que a resiliência é “tecida” com base na dinâmica pessoal) e a latino-americana (que enfoca o social como influência para a superação de adversidades) (FORTES; PORTUGUEZ; ARGIMON, 2009; BRANDÃO; MAHFOUD; GIAORDOLI-NASCIMENTO, 2011).

Não há uma única base teórica para a temática, havendo trabalhos que articulam conceitos da resiliência à psicanálise (BENGHOZI; MARQUES, 2005), à perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (POLETO; KOLLER, 2008), à logoterapia (SILVEIRA; MAHFOUD, 2008) e à abordagem cognitiva comportamental (CORCHS, 2011; NORTE *et al.* 2011), dentre outras.

Grotberg (2005) apresenta alguns enfoques e descobertas em pesquisas sobre o tema em relação ao desenvolvimento humano: (i) a resiliência está relacionada ao crescimento e desenvolvimento humano, abrangendo diferenças etárias e de gênero; (ii) a promoção de fatores resilientes e a conduta resiliente requerem diferentes estratégias; (iii) a resiliência e o nível socioeconômico não estão relacionados entre si; (iv) os fatores de risco e proteção são diferentes da resiliência; (v) a resiliência pode ser mensurada e também faz parte da saúde mental e da qualidade de vida; (vi) a valorização de ideias novas e efetivas para o desenvolvimento humano diminui as diferenças culturais quando os adultos são capazes de fazê-la; (vii) a prevenção e a promoção são alguns conceitos que podem ser relacionados à resiliência; e (viii) a resiliência é um processo; assim, existem fatores de resiliência, comportamentos resilientes e resultados resilientes.

Sobre as pesquisas, muitos autores vêm estudando a resiliência no comportamento humano e suas influências em lidar com situações de estresse, dentre eles: Flach (1991), Rutter (1993), Conner (1995), Tavares (2001), Trombeta e Guzzo (2002); e a relação entre a existência de uma situação de risco e a capacidade de resiliência por Poletto, Wagner e Koller (2004). Estes estudos demonstram que as características da resiliência são muitas, e que cada pesquisador vai destacar algumas delas de acordo com o objetivo da pesquisa.

Dentre as características resilientes destacam-se: flexibilidade; preparo da organização para tornar-se menos sensível às variações do ambiente por meio da capacitação de suas estruturas, mecanismos e domínio tecnológico; aquisição de competências para lidar com adversidades; antecipação às mudanças; capacidade de autorrenovação por meio da inovação; processo dinâmico que possibilita a adaptação positiva em cenários de grande adversidade; resistência às mudanças e descontinuidades; e adaptação aos riscos do ambiente (STARR, NEWFROCK; DELUREY, 2003; HAMEL; VÄLIKANGAS 2003; REINMOELLER;

BAARD WIJK, 2005; INFANTE, 2005; BARLACH, LIMONGI-FRANÇA; MALVEZZI, 2008; VERGARA, 2008).

Conner (1995) atesta que as pessoas com maior capacidade de resiliência são mais preparadas para as mudanças e seus desdobramentos, absorvem mais prontamente as transformações e, ao mesmo tempo, apresentam poucas disfunções causadas por essas alterações. Segundo o autor, as mudanças são processos que exigem resiliência dos indivíduos e das organizações, isto é, capacidade de adaptação e flexibilidade.

Os estudos e pesquisas recentes sobre resiliência humana procuram compreender como algumas pessoas têm uma capacidade de desenvolvimento e superação melhor que outras, mesmo vivenciando as mesmas situações de adversidade (LUTHAR; CUSHING, 1999; RUTTER, 2012). Na área das Ciências Sociais Aplicadas, alguns estudos visam relacionar a resiliência ao sucesso empresarial (SANTOS, 2011), e ao insucesso empresarial com a descontinuidade do negócio (MINELLO; SCHERER, 2014). Santos (2011) identificou que os empreendedores possuíam uma característica resiliente de flexibilidade e, entre outras coisas, descobriu que quanto maior a idade e o grau de instrução, maior é o nível de resiliência do empreendedor.

O conceito e a aplicabilidade do termo resiliência tornam-se fundamentais para o profissional contábil, visto que este vem passando por inúmeros processos de adaptação no ambiente de trabalho, diante das diversas alterações de normatização locais e internacionais, além das relações da vida cotidiana como indivíduo, podendo impactar o fazer contábil.

A profissão contábil sempre exigiu capacidade e competência técnica dos que assumem essa posição, por vezes árdua, devido a dificuldades que são peculiares à atividade, requerendo, portanto, uma atitude positiva e inovadora a fim de superar problemas e assimilar mudanças inerentes à área. É válido salientar que os profissionais contábeis são regidos por órgãos de classe, como os Conselhos Regionais de Contabilidade e o Conselho Federal de Contabilidade, mas, no seu ofício, devem atender a inúmeras legislações e normas específicas emanadas por vários órgãos reguladores, sempre estando atento a esse cenário em constante mudança, a exemplo das *International Financial Reporting Standards (IFRS)* e do Sistema Público de Escrituração Digital (SPED).

Se considerados os empresários contábeis, por exemplo, o número de afazeres aumenta pelo volume de obrigações tributárias e acessórias, declarações e prazos que devem ser cumpridos sob pena de sanções financeiras e fiscalizatórias. Já os profissionais da Educação se sentem ainda mais desafiados a lidar com a velocidade das mudanças ocorridas na área. Nesse aspecto, Fernandes *et al.* (2011) destacam que as mulheres, os professores de instituição pública e os professores com dedicação exclusiva são mais cautelosos quanto à capacidade de lecionar nesse contexto de mudanças. Assim, acredita-se que conhecer um pouco mais os aspectos comportamentais desses profissionais pode ajudar a entender a capacidade e a atuação destes diante do cenário apresentado.

3 Metodologia

3.1 Tipologia da Pesquisa e Amostra

Esta pesquisa é classificada como exploratória e descritiva quanto aos seus objetivos. No que se refere aos procedimentos, é um estudo bibliográfico e de campo (*survey*), pelo fato

de procurar explicações sobre as características comportamentais de um grupo com base em referenciais teóricos sobre *locus* de controle e resiliência, auxiliando o desenvolvimento das hipóteses de pesquisa por meio de questionário estruturado. Por fim, a pesquisa utiliza a abordagem quantitativa, empregando métodos estatísticos no tratamento dos dados.

As etapas da pesquisa consistiram em: a) escolha da população e amostra; b) elaboração do instrumento de pesquisa; c) pré-teste; d) ajuste do instrumento de pesquisa; e e) coleta e análise dos dados. A população compreende todos os profissionais contábeis que exerçam a profissão na área privada ou pública.

O questionário foi disponibilizado pela *web*, no entanto a maioria (81,2%) dos respondentes reside nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, possuindo, segundo o CFC (2014), 4.104 e 4.738 contadores, respectivamente. O estudo possui uma amostra não probabilística, regida por critérios de conveniência dos respondentes, de modo que os resultados obtidos não podem ser generalizados para a população objeto do estudo. A amostra corresponde aos 303 profissionais contábeis que responderam ao questionário.

Assim como descrito em La Rosa (1991), ao apresentar esta pesquisa à comunidade científica é preciso compreender que os resultados da aplicação das escalas não se prestarão a rotular os indivíduos/profissionais, e o perfil destes propiciará uma visão compreensiva e não classificatória.

3.2 Instrumentos, Coleta e Tratamento dos Dados

As informações necessárias à pesquisa foram obtidas por meio de questionário estruturado em quatro partes: a) termo de consentimento; b) perfil do respondente; c) escala multifatorial de *Locus* de Controle; e d) escala de Resiliência. Os questionários sobre de *Locus* de Controle e escala de Resiliência, utilizados nesta pesquisa, podem ser encontrados nos estudos de Dela Coleta (1987) e Pesce *et al.* (2005). Vale ressaltar que, nas etapas “c” e “d”, foram utilizados dois instrumentos baseados numa escala do tipo *likert* de cinco pontos, validados e adaptados para o contexto brasileiro.

A adaptação é necessária, segundo os pesquisadores da Psicologia Social (PESCE *et al.* 2005), pois, para que um instrumento possa ser utilizado em outros contextos, recomenda-se um rigoroso processo de adaptação e análise dos índices psicométricos, já que somente a adaptação semântica não cobre as diferenças culturais entre os dois universos explorados, além de prejudicar a análise dos resultados de validade e confiabilidade da escala.

Inicialmente foi realizado um pré-teste com 20 profissionais e três docentes da área contábil, a fim de identificar vieses no instrumento. Este foi disponibilizado *on line* pelo sistema *Google Docs* e divulgado nas redes de relacionamento dos autores, no período de 30 de setembro a 23 de outubro de 2014. O mesmo questionário foi aplicado presencialmente durante um evento da área, nos dias 20 e 21 de outubro de 2014, contemplando 105 respondentes dos 303 totalizados. Como não houve diferenças de médias, logo as respostas foram unidas em uma mesma base de dados.

Para análise dos dados foram utilizadas estatísticas descritivas e, posteriormente, testes de normalidade para o emprego de regressão linear com utilização de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Estudos envolvendo construtos oriundos da Psicologia e outras áreas comportamentais necessitam de instrumentos de coleta de dados validados e com alto grau de confiabilidade. Dessa forma, a presente pesquisa optou por duas escalas já validadas que,

mesmo assim, foram submetidas ao pré-teste e ao *Alfa de Cronbach*, obtendo-se resultados satisfatórios.

3.3 Escala Multifatorial de Locus de Controle

Assim como Rodrigues (2007), apesar do *locus* de controle ser amplamente estudado por diversos pesquisadores, focou-se nos dois principais autores que se destacam nas diversas pesquisas sobre o tema. É na abordagem deles que esta pesquisa se concentra: Rotter (escala unifatorial) e Levenson (composição fatorial de três dimensões).

A escala desenvolvida por Levenson (1981) foi traduzida e adaptada para o contexto brasileiro por Dela Coleta (1987) e validada por Tamayo (1989). A escala de Levenson (1981) mede o *locus* de controle, baseando-se em Rotter (1954), mas não empiricamente. A ideia básica era de que ser "externo" não deveria significar necessariamente algo ruim ou indesejável, e essa dimensão de controle foi dividida em duas, porque supunha que as pessoas, ao acreditarem no poder de outras sobre si mesmas, difeririam daquelas que percebiam o mundo como imprevisível e incontrolável. A escala é composta por 24 itens divididos em três subdimensões com oito assertivas cada uma: *Locus* de Controle Interno (LCI), *Locus* de Controle Outros Poderosos (LCP) e *Locus* de Controle Acaso (LCC).

A redação dos itens que compõem as três subescalas da escala multifatorial de *Locus* de controle foi concebida no sentido direto. Sendo assim, escores maiores na subescala de "internalidade" indicam crença em si mesmo; maiores escores na subescala "outros poderosos" indicam crença em pessoas poderosas; e maiores escores na subescalas "acaso" apontam para crença no acaso. A escala é do tipo *likert* de cinco pontos, e os respondentes escolheram uma opção entre "Discordo totalmente" até "Concordo totalmente".

Para melhor visualizar e caracterizar o *locus* de controle dos participantes, utilizou-se, assim como Pasquali, Alves e Pereira (1998), o seguinte critério para definição do nível do *locus* de controle: 4,20 a 5,00 - nível muito alto; 3,40 a 4,19 - nível alto; 2,60 a 3,39 - nível neutro; 1,80 a 2,59 - nível baixo; e 1,00 a 1,79 - nível muito baixo. Embora o instrumento já tenha sido validado, este estudo também confirmou sua confiabilidade por meio do *Alfa de Cronbach* representando um nível de 0,835.

3.4 Escala de Resiliência

Em relação à resiliência, que é um construto cujas características são abrangentes, o uso de escalas está associado aos objetivos propostos nos estudos. A escala de resiliência utilizada nesta pesquisa foi desenvolvida por Wagnild e Young (1993) e possui 25 itens descritos de forma positiva com resposta do tipo *likert* variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Essa escala foi adaptada ao contexto brasileiro e validada por Pesce *et al.* (2005), mantendo as características originais do estudo.

Para este estudo, foi alterada apenas a escala *likert* de 7 para 5 pontos, com o objetivo de padronizar com a escala multifatorial de *locus* de controle. Além disso, o estudo de Dalmoro e Vieira (2013), por exemplo, evidenciam que a escala de 5 pontos apresenta maior objetividade e traz melhores informações. Após essa alteração de escala, procedeu-se à análise da confiabilidade do instrumento e verificou-se que o *Alfa de Cronbach* não foi prejudicado, apresentando um resultado de 0,845.

Essa situação de mudança na escala já era prevista por Pesce *et al.* (2005), pois, durante o processo de validação da escala de Resiliência, alguns resultados não foram ideais, e as possíveis causas levantadas para tais resultados residiam na forma como as opções de respostas da escala foram colocadas (existem três níveis de concordância, três de discordância e um nível situado entre eles, indicando não concordar com a afirmativa, nem discordar dela). Assim, os autores esclarecem que a escala tal qual se apresenta (de 7 pontos) não seria realmente indicada em culturas diversas, merecendo adaptações mais drásticas, além de exaustivos estudos comparativos.

A primeira análise fatorial da escala de resiliência, feita por Wagnild e Young (1993), possuía dois fatores a serem analisados, sendo o fator I denominado “competência pessoal”, e o fator II, “aceitação de si mesmo e da vida”. Após a adaptação, Pesce *et al.* (2005) abdicaram da classificação original, optando por dividir a escala de Resiliência em três fatores:

- Fator I – composto por 14 assertivas que indicam resolução de ações e valores (que dão sentido à vida, como amizade, realização pessoal, satisfação e significado da vida).
- Fator II - com seis assertivas, que transmitem ideia de independência e determinação.
- Fator III - composto por cinco assertivas, que apresentam indicativos de autoconfiança e capacidade de adaptação a mudanças.

Para calcular os escores da escala de resiliência, foi aplicada a mesma lógica utilizada para análise da escala multifatorial de *locus* de controle.

3.5 Hipóteses de pesquisa

Diante das características de LCI, apresentadas no referencial, espera-se que seja positivamente correlacionado e influencie o nível de resiliência dos profissionais contábeis. A hipótese 1 apresenta-se de forma implícita aos conceitos e definições sobre LCI e resiliência, empregados na teoria desenvolvida por pesquisadores, como Rotter (1966), Levenson (1973, 1981), Dela Coleta (1987) e Wagnild e Young (1993). A pesquisa de Rodrigues (2007) tangencia a relação esperada pela hipótese 1 quando evidencia a existência de correlação significativa e positiva entre o LCI e o bem-estar subjetivo.

- H1: O nível de resiliência do profissional contábil é positivamente influenciado pela subdimensão LCI.

Glass e Singer (1972) afirmam que o desempenho das pessoas, em tarefas de rotina, é melhor quando elas acreditam que têm o controle da situação. Isso mostra que a crença no controle não está apenas na fantasia das pessoas. Klonowicz (2001) e Rodrigues (2007) demonstraram que o LCE está associado a baixos níveis de bem-estar subjetivo. Assim, as hipóteses H2a e H2b buscam testar a relação entre o LCE e a resiliência, logo espera-se que quanto maior o LCP e LCC, menor seja a resiliência por parte dos profissionais de contabilidade, dado que se testa H1 como o contrário.

- H2a: A subdimensão LCP apresenta uma relação negativa e significativa com o nível de resiliência do profissional contábil.

- H2b: A subdimensão LCC apresenta uma relação negativa e significativa com o nível de resiliência do profissional contábil.

Para testar essas hipóteses, além das estatísticas descritivas, foi proposto um modelo de regressão, conforme apresentado no item 3.6.

3.6 Modelo de Regressão Utilizado

Para evidenciar os efeitos das subdimensões de *locus* de controle na resiliência, estimou-se uma regressão linear (Equação 1). Outros estudos (FISHER, 1996; OLIVEIRA, 2010; MIRANDA *et al.*, 2014) também utilizaram regressões em suas respectivas pesquisas. A Equação 1 apresenta o modelo utilizado nesta pesquisa, e a Tabela 1, as variáveis utilizadas.

$$RESIL = \beta_0 + \beta_1 LCI + \beta_2 LCP + \beta_3 LCC + \beta_4 GEN + \beta_5 D_ESCOL + \beta_6 D_IDADE \quad (1)$$

Tabela 1 – Variáveis do modelo

Variáveis	Descrição	Sinal
<i>RESIL</i>	Resiliência, calculada pela média de cada respondente.	
<i>LCI</i>	Subdimensão de <i>Locus</i> de Controle Interno, calculado pela média de cada respondente.	+
<i>LCP</i>	Subdimensão de <i>Locus</i> de Controle Outros Poderosos, calculado pela média de cada respondente.	-
<i>LCC</i>	Subdimensão de <i>Locus</i> de Controle ao Acaso, calculado pela média de cada respondente.	-
<i>GEN</i>	Gênero, sendo 0 = masculino, e 1 = feminino.	+
<i>D_ESCOL</i>	<i>Dummy</i> para captar o nível de escolaridade, sendo 0 = Graduação, e 1 = Pós-graduação.	+
<i>D_IDADE</i>	<i>Dummy</i> 0 = idade até 40 anos, e 1 = maior que 40 anos.	+

Fonte: Elaboração própria.

Como uma forma de análise secundária, as variáveis *GEN*, *D_ESCOL* e *D_IDADE* ajudaram a explicar melhor as relações entre esses perfis e a resiliência, dado que alguns estudos (LA ROSA, 1991; REED, KRATCHMAN e STRAWSER, 1994; FERNANDES *et al.* 2011; GROTBORG, 2005; OLIVEIRA, 2010; SANTOS, 2011; MIRANDA *et al.*, 2014) já utilizaram essas variáveis a fim de detectar influências no próprio *locus* de controle e resiliência, como já evidenciado no referencial teórico.

Embora o objetivo não seja estabelecer uma relação de causalidade, a análise de regressão avalia a magnitude e o tipo de associação entre duas ou mais variáveis e faz previsões (HAIR *et al.*, 2005). Assim, acredita-se que esta pode trazer mais explicação das relações entre as variáveis independentes estudadas e a resiliência dos profissionais contábeis.

4 Análise dos Resultados

4.1 Perfil da Amostra

A amostra de 303 profissionais contábeis se dividiu em 51,2% do sexo feminino e 48,8% do masculino. Em relação à idade, houve uma leve predominância no intervalo entre 25 e 30 anos (16,8%), no entanto se observou que 58,4% dos respondentes são profissionais

com até 40 anos. Ainda em relação ao perfil, 60,7% são casados; o nível de escolaridade mínimo é o da graduação (40,6%), uma vez que a amostra é de profissionais contábeis, contemplando ainda 30,0% de especialistas e 29,4% titulados como mestre ou doutores.

Sobre o tempo de experiência na profissão contábil, 49,2% dos pesquisados possuem mais de 10 anos de atuação na área. Quanto à atuação profissional, os resultados demonstram uma predominância de duas classificações na amostra, sendo 27,7% de empresários e 23,8% de professores da área. Este último justifica a parcela representativa de respondentes com formação *strictu sensu*, necessária para exercer o magistério superior. Os demais profissionais contábeis de empresas privadas (15,8%) e de empresas públicas (15,2%), dentre outros.

Por fim, verificou-se a renda bruta desses profissionais e constatou-se que prevalece o intervalo entre cinco e dez salários-mínimos (30%). Ressalta-se que 27,7% dos profissionais contábeis recebem mais de dez salários-mínimos, porém 25,1% da amostra pesquisada não ultrapassam o limite de três salários-mínimos.

A média e o desvio padrão do perfil sociodemográfico são apresentados na Tabela 2, onde é possível visualizar as três dimensões do *locus* de controle e a resiliência dos profissionais contábeis.

Tabela 2 – Média e Desvio Padrão do Perfil da Amostra

Variáveis	Frequência (%)	\bar{X} (σ)			
		LCI	LCP	LCC	RESIL
Homens	148 (48,8%)	3,6199 (0,58989)	2,9752 (0,59597)	2,1360 (0,61236)	3,8427 (0,44183)
Mulheres	155 (51,2%)	3,5371 (0,59321)	1,8847 (0,56865)	2,0226 (0,54774)	3,8929 (0,46810)
Até 40 anos	177 (58,4%)	3,5699 (0,56625)	2,0205 (0,58708)	2,1151 (0,57056)	3,8488 (0,44274)
Maior que 40 anos	126 (41,6%)	3,5883 (0,62870)	1,9177 (0,58868)	2,0258 (0,59610)	3,8959 (0,47302)
Graduado	123 (40,6%)	3,4797 (0,60403)	1,9909 (0,59156)	2,1209 (0,58760)	3,7759 (0,48426)
Pós-graduado	180 (59,4%)	3,6444 (0,57591)	1,9688 (0,58866)	2,0486 (0,57796)	3,9316 (0,42447)
Nunca casado (a)	93 (30,7%)	3,6156 (0,58955)	2,1210 (0,67250)	2,1707 (0,61563)	3,8998 (0,41735)
Casado(a)/Companheiro(a)	184 (60,7%)	3,5564 (0,58437)	1,9463 (0,54109)	2,0401 (0,56328)	3,8541 (0,46364)
Separado(a)/Divorciado(a)	23 (7,6%)	3,5380 (0,68510)	1,6957 (0,47647)	2,0326 (0,56056)	3,8504 (0,56494)
Viúvo(a)	3 (1%)	4,0000 (0,37500)	1,6250 (0,37500)	1,8750 (0,78062)	3,9067 (0,23094)
Até cinco salários-mínimos	128 (42,2%)	3,5137 (0,63471)	1,9961 (0,55944)	2,0928 (0,56280)	3,8234 (0,46988)
Mais que cinco salários-mínimos	175 (57,8%)	3,6243 (0,55604)	1,9643 (0,61088)	2,0671 (0,59704)	3,9013 (0,44297)

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com a Tabela 2, os homens têm um *locus* de controle maior que o das mulheres, destacando-se o LCI, indicando que os profissionais contábeis do sexo masculino

acreditam que o gerenciamento de sua vida depende mais deles do que de outras pessoas e do acaso. No que se refere à resiliência, o gênero feminino apresenta média superior ao masculino, sugerindo que as mulheres são mais capazes de enfrentar situações de estresse, ou seja, são mais resilientes. Tais diferenças em função do gênero já eram de se esperar, conforme Reed, Kratchman e Strawser (1994).

Os resultados apresentados na Tabela 2 corroboram os achados empíricos. Ribeiro (2000) revelou aspectos comportamentais relacionados ao perfil dos indivíduos com seu *locus* de controle, tais como gênero, idade e escolaridade, os quais impactam nos trabalhos desenvolvidos por essas pessoas em determinadas áreas. Pode-se inferir que os profissionais acima de 40 anos apresentam um LCI superior aos mais jovens, mas o LCP e o LCC foram menores nessa comparação.

É provável que fatores como confiança e sucesso profissional reflitam num maior LCI por parte dos profissionais mais velhos, e, em relação ao *locus* externo, uma suposição para o resultado menor pode ser a crença de que eles possuem certa porção de controle sobre seu destino; por isso, acreditam menos na influência de outros poderosos e do acaso. Já em relação à resiliência, percebe-se que quanto maior a idade do profissional contábil, maior sua resiliência. Os respondentes que possuem pós-graduação apresentam LCI e nível de resiliência superior àqueles que são apenas graduados, corroborando os achados de Santos (2011).

Analisando o estado civil, não houve diferença na classificação dos escores, ou seja, todos apresentaram um escore alto de LCI. Já em relação à resiliência, os que nunca casaram apresentaram um nível pouco maior de resiliência se comparado com o grupo. Vale ressaltar que as pessoas viúvas apresentaram um *locus* de controle alto e também um nível elevado de resiliência, porém, como representam apenas três respondentes da amostra, não se pode generalizar tal resultado.

Por último, relacionando a renda com o *locus* de controle e a resiliência, pode-se visualizar que os profissionais contábeis com mais de cinco salários-mínimos apresentam um LCI maior e um nível de resiliência superior, ou seja, quanto maior a renda, maior o LCI e a resiliência da amostra pesquisada.

4.2 Análise das Subdimensões do Locus de Controle e das Características de Resiliência

A Tabela 3 apresenta as estatísticas descritivas das subdimensões do *locus* de controle e dos fatores de resiliência descritos por Pesce *et al.* (2005).

Tabela 3 – Análise das Subdimensões de Locus de Controle e das Características de Resiliência

Locus de Controle						
Variáveis	Mínimo	Máximo	Média	Erro Padrão	Desvio Padrão	Variância
LCI	1,38	4,75	3,5776	.03401	.59207	.351
LCP	1,00	4,38	1,9777	.03383	.58896	.347
LCC	1,00	4,50	2,0780	.03344	.58201	.339
Resiliência						
RF1	1.93	4.64	3.7659	.02613	.45479	.207
RF2	2.00	5.00	3.3603	.03231	.56243	.316
RF3	2.20	5.00	3.9584	.03332	.58001	.336
RESIL	2.08	5.00	3.8684	.02616	.45540	.207

Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados mostram que a única subdimensão com o nível alto é a de LCI (3,5776). Com isso, algumas das características que podem ser atribuídas a profissionais com alto nível de LCI, segundo Loosemore e Lam (2004), são: mais atenção e ênfase para alcançar seus objetivos; mais engajamento em ações de desenvolvimento de seu ambiente e de suas próprias habilidades; e boa memória para informações em comparação às pessoas com LCE.

Em relação à resiliência, todos possuem escores altos e não há diferença significativa entre as médias dos três fatores de resiliência e o indicador único RESIL. Assim, para as análises de correlação e regressão foi utilizada apenas RESIL como variável dependente no modelo proposto.

Vale ressaltar que os escores altos dos fatores de resiliência indicam resolução de ações e valores (amizade, realização pessoal, satisfação e significado da vida) e de autoconfiança e capacidade de adaptação a mudanças, sendo estas as características predominantes nos profissionais contábeis da amostra pesquisada.

4.3 Análise da Relação entre Locus de Controle, Resiliência e o Perfil da Amostra

A análise de correlação das variáveis do modelo proposto ajudará a compreender melhor os achados do modelo descrito para identificar as influências das variáveis independentes na variável dependente RESIL. A Tabela 4 mostra tais correlações.

Tabela 4 - Correlação de Pearson

Variáveis	RESIL	LCI	LCP	LCC	GEN	D_ESCOL	D_IDADE
RESIL	1						
LCI	.547**	1					
LCP	.033	.099	1				
LCC	-.013	.084	.575**	1			
GEN	.055	-.070	-.162**	-.098	1		
D_ESCOL	.168**	.137*	-.018	-.061	.095	1	
D_IDADE	.051	.015	-.086	-.076	.153**	.138*	1

**, *. Correlação significativa a 1% e 5%, respectivamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se uma relação significativa entre a resiliência, a subdimensão LCI e o nível de escolaridade (graduado ou pós-graduado). O fator idade não apresentou correlação significativa, talvez pela limitação da pesquisa que buscou tal informação por meio de escala de cinco em cinco anos, e não de forma direta. Embora o objetivo não seja de estabelecer uma relação de causalidade, a análise de regressão avalia a magnitude dessas influências na variável dependente RESIL. A Tabela 5 evidencia os resultados do modelo proposto.

Apenas três variáveis possuem poder de explicar a resiliência. Como já observado na Tabela 4 de correlação, constata-se que o LCI explica diretamente o nível de resiliência a 1%, isto é, quanto mais LCI mais resiliente é o profissional contábil, não sendo possível rejeitar a Hipótese 1.

Tabela 5 – Outputs do modelo de regressão com a variável dependente: RESIL

Variável	Coefficiente	Erro Padrão	Estatística t	Prob.
C	229.6276	16.09968	14.26287	0.0000
LCI	0.416761	0.037411	11.14016	0.0000***
LCP	0.028326	0.045819	0.618213	0.5369
LCC	-0.046404	0.045909	-1.010782	0.3129
GEN	9.949475	4.493576	2.214155	0.0276**
D_ESCOL	8.800818	4.536718	1.939908	0.0533*
D_IDADE	4.172978	4.531573	0.920868	0.3579
R ²	0.322422	F-statistic		23.47504
R ² ajustado	0.308688	Prob(F-statistic)		0.000000

***, **, * significativa a 1%; 5%; 10%, respectivamente.

Fonte: Dados da pesquisa.

A relação do LCI com a resiliência dos indivíduos pode ser entendida com base na seguinte situação exemplo: se o profissional contábil, durante adaptação em um processo de mudança de normas, em sua percepção, atribui o seu fracasso à falta de esforço próprio, ele perceberá que com mais dedicação poderá ser bem-sucedido no futuro, influenciando suas expectativas de desempenho futuros. Com essa ideia, observa-se uma tendência natural de que os profissionais com LCI possuam uma relação direta com a resiliência.

Em adição, o mesmo ocorre com o grau de escolaridade. Os profissionais com maior grau de formação tendem a ser mais resilientes, conforme Tabela 2, ocorrendo também em achados de Maciel e Camargo (2010) e Santos (2011). Quanto ao gênero, o coeficiente GEN apresentou relação positiva, indicando que as mulheres são mais resilientes do que os homens, fato este não estranho aos achados em pesquisas feitas por Grotberg (2005).

Apenas o LCC apresentou relação negativa com a resiliência (-0.046404), enquanto o LCP apresentou um coeficiente positivo de 0.028326, porém ambos sem significância estatística. Assim, as hipóteses H2a e H2b não apresentam evidências suficientes, devendo ser rejeitadas. Quanto ao LCP, uma possível explicação para tal resultado consiste no fato de que muitos dos profissionais da amostra são autônomos ou empresários e possuem características de alta resiliência, logo a influência de outros poderosos pode não estar presente na visão perceptiva, justificando a falta de significância estatística e a rejeição da H2a.

Dada a distribuição normal dos resíduos, todos os pressupostos da regressão linear, estimada por Mínimos Quadrados Ordinários foram testados, evidenciando a não presença de multicolinearidade entre as variáveis independentes, ausência de heterocedasticidade e de autocorrelação dos resíduos.

5 Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi analisar as relações e características entre o *locus* de controle e a resiliência do profissional contábil, buscando entender como os indivíduos dessa profissão se posicionam em relação às decisões da vida e o seu nível de resiliência. Assim, os resultados apresentam uma relação direta entre o LCI e a resiliência, sugerindo, para a amostra estudada, que os profissionais contábeis possuem essas duas características concomitantes.

Em relação ao *locus* de controle, os resultados têm predominância do LCI no gênero masculino, nos indivíduos acima de 40 anos, nos profissionais pós-graduados, nos nunca

casados e na renda acima de cinco salários-mínimos. Notadamente, pode-se inferir, de acordo com a literatura apresentada, que tais profissionais possuem maior atenção, maior engajamento em ações de desenvolvimento de seu ambiente e boa memória para informações, corroborando o estudo de Loosemore e Lam (2004). Portanto, os respondentes julgam ter controle dos eventos associados às suas próprias decisões.

No que se refere às características resilientes, a mesma análise apontou que as mulheres são mais resilientes, sendo mais capazes de se adaptarem às situações de mudanças drásticas e em ambientes de estresses, por exemplo. Os profissionais mais velhos, os que possuem pós-graduação, os nunca casados e os que possuem rendas maiores também apresentaram níveis maiores de resiliência. Por esse resultado, acredita-se que os profissionais pesquisados possuem mais capacidade para enfrentar e superar adversidades (GROTBERG, 2005), mais capacidade de absorver prontamente as transformações, apresentando poucas disfunções causadas por essas alterações, e boa adaptação às mudanças (CONNER, 1995).

Ressalta-se que o estudo objetivou capturar, apenas, a visão do profissional como contador, no entanto não há como desvincular a pessoa do profissional. Conforme observa La Rosa (1991), o indivíduo pode relacionar o comportamento com resultados em determinada área, mas não em outra, significando uma alta pontuação em internalidade naquela área, e baixa na outra. Fica claro, então, que o *locus* de controle não significa necessariamente que a pessoa exerce, realmente, o controle sobre os acontecimentos, mas eles pensam que exercem (DELA COLETA, 1987).

Quanto às características de resiliência, a mesma análise evidenciou que o primeiro e o terceiro fatores de resiliência, proposto por Pesce *et al.* (2005), apresentaram níveis altos, indicando que há uma concentração de profissionais com autoconfiança e capacidade de adaptação a mudanças, capazes de resolver problemas decorrentes de suas ações e valores (amizade, realização pessoal, satisfação e significado da vida).

Em linhas gerais, como contribuição, destaca-se a análise dos dois construtos juntos, *locus* de controle e resiliência, os quais não foram encontrados em outras pesquisas. Também vale considerar a contribuição para a área de contabilidade comportamental, tanto no aspecto interdisciplinar como nos desafios propostos em avançar nessa área cujas pesquisas são recentes e carecem de mais estudos no Brasil. Os achados deste estudo podem ter implicações na construção de novas abordagens de formação e na educação continuada dos profissionais da Contabilidade, além do desenvolvimento de políticas de capacitação direcionadas ao fazer contábil e no próprio comportamento dos profissionais da área que desejarem maximizar seus resultados.

Dentre as limitações do presente estudo, destaca-se a aplicação do questionário a uma amostra não probabilística e, por conveniência, concentrada em dois estados. Essas inconveniências contribuem para a não generalização dos resultados. Diante disso, como sugestão para futuras pesquisas, aponta-se o aumento da amostra, buscando alcançar maior número de profissionais por região, a utilização de outras técnicas estatísticas que permitam explorar os dados sob outros ângulos, bem como a aplicação das mesmas análises segregando a amostra entre profissionais contábeis empreendedores e profissionais contábeis da educação.

Referências

APRIL, K. A.; DHARANI, B.; PETERS, K. Impact of Locus of Control Expectancy on Level of Well-Being. **Review of European Studies**. v. 4, n. 2, 2012.

ARIELY, D. **Previsivelmente irracional**: como as situações do dia a dia influenciam as nossas decisões. São Paulo: Campus, 2008.

BAKER, H. K.; NOFSINGER, J. R. Psychological biases of investors. **Financial Services Review**. v. 11, n. 2, p. 97-116, 2002.

BARLACH, L.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.; MALVEZZI, S. O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**. v. 42, n. 1. 2008.

BENGHOZI, P.; MARQUES, S. T. Resiliência familiar e conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços. **Psicologia clínica**. v. 17, n. 2, p. 101-109, 2005.

BOYDSTON, M.; HOPPER, L.; WRIGHT, A. Locus of control and entrepreneurs in a small town. Desenvolvido pela Small Business Advancement National Center. Disponível em: <<http://www.sbaer.uca.edu/research/asbe>>. Acesso em: 2 set. 2014.

BRANDÃO, J. M.; MAHFOUD, M.; GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. **Paidéia**, v. 21, n. 49, p. 263-271, 2011.

Conselho Federal de Contabilidade (CFC). Quantos Somos. Disponível em: <http://cfc.org.br/registro/quantos-somos-2/>. Acesso em: 20 out. 2014.

CALLADO, M. C.; GOMES, J. A.; TAVARES, L. E. Lócus de controle interno: uma característica de empreendedores? In: Anais do ENANPAD, 2006, Salvador, BA, Brasil.

CONNER, D. R. **Gerenciando na Velocidade da Mudança**: como gerentes resilientes são bem-sucedidos e prosperam onde outros fracassam. Rio de Janeiro: Infobook S.A., 1995.

CORCHS, F. Decompondo a resiliência. **Boletim paradigma**, v. 6, p. 6-12, 2011.

DALMORO, M.; VIEIRA, K. M. Dilemas na Construção de Escalas Tipo *Likert*: O Número de Itens e a Disposição Influenciam nos Resultados? **RGO - Revista Gestão Organizacional**. v. 6 - Edição Especial, 2013.

DELA COLETA, J. A. **Atribuição de causalidade**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1982.

DELA COLETA, J. A. Escala multidimensional de *locus* de controle de Levenson. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, 39(2)79-97, abr./jun. 1987.

FERNANDES, B. V. R.; LIMA, D. H. S.; VIEIRA, E. T.; NIYAMA, J. K. Análise da percepção dos docentes dos cursos de graduação em Ciências Contábeis do Brasil quanto ao

processo de convergência às normas internacionais de contabilidade aplicadas no Brasil. **Revista de Contabilidade e Controladoria**. v. 3, n. 3, p. 24-50, set./dez., 2011.

FISHER, C. The impact of perceived environmental uncertainty and individual Differences on management information requirements: a Research note. **Accounting, Organization and Society**. v. 21, n. 4, p. 361-369, 1996.

FLACH, F. **Resiliência: a arte de ser flexível**. São Paulo: Saraiva, 1991.

FORTES, T. F. R.; PORTUGUEZ, M. W.; ARGIMON, I. I. L. A resiliência em idosos e sua relação com variáveis sociodemográficas e funções cognitivas. **Estudos de psicologia**. Campinas, v. 26, n. 4, p. 455-463, 2009.

GLASS D. C.; SINGER J. E. Behavioral Aftereffects of Unpredictable and Uncontrollable Aversive Events: Although subjects were able to adapt to loud noise and other stressors in laboratory experiments, they clearly demonstrated adverse aftereffects. **American Scientist**. v. 60, n. 4, p. 457-465, 1972.

GROTBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência. IN: MELLINO, A.; OJEDA, E. N. S. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HAIR JR., J. F. MONEY, A.; BABIN, B.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Bookman, 2005.

HAMEL, G.; VALIKANGAS, L. The quest for resilience. **Harvard Business Review**. p. 53-63, 2003.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. IN: MELILLO, A.; OJEDA, E. N. S. (2005). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed. 2005.

JUDGE, T. A.; ILIES, R.; BONO, J. E.; GERHARDT, M. W. Personality and leadership: a qualitative and quantitative review. **Journal of Applied Psychology**. v. 87, p. 765-780, 2002.

KLONOWICZ, T. Discontented people: reactivity and Locus of control as determinants of subjective well-being. **European Journal of Personality**. v. 15, n. 1, p. 29-47, 2001.

LA ROSA, J. *Locus* de Controle: Uma escala de avaliação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 7, n. 3, p. 327-344, 1991.

LEVENSON, H. Multidimensional Locus of Control in psychiatric patients. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**. v. 41, p. 397-404, 1973.

LEVENSON, H. Differentiating among internality, powerful others, and chance. In: H.M. LEFCOURT (Org.), **Research with the Locus of control construct**. New York: Academic Press, 1981.

LOOSEMORE, M.; LAM, A. S. Y. The Locus of control: a determinant of opportunistic behavior in construction health and safety. **Construction Management and Economics**. v. 22, p. 385-394, 2004.

LUCENA, W. G. L.; FERNANDES, M. S. A.; SILVA, J. D. G. A Contabilidade Comportamental e os Efeitos Cognitivos no Processo Decisório: Uma Amostra Com Operadores Da Contabilidade. **Revista Universo Contábil**. ISSN 1809-3337, FURB, Blumenau, v. 7, n. 3, p. 41-58, jul./set. 2011.

LUTHAR, S. S.; CUSHING, G. Measurement issues in the empirical study of resilience: an overview. In: GLANTZ, M.; JOHNSON, J. (Ed.). **Resilience and development: positive life adaptations**. Plenum Publishers, New York, p.129-160, 1999.

MACIEL, C. O; CAMARGO, C. Empreendedor e Desempenho de Pequenas Empresas. **Revista de Administração Mackenzie**. v. 11, n. 2, p. 168-188, 2010.

MINELLO, I. F; SCHERER, I. B. Características Resilientes do Empreendedor Associadas ao Insucesso Empresarial. **Revista de Ciências da Administração**. v. 16, n. 38, p. 228-245, 2014.

MIRANDA, G. J.; MAMEDE, S. P. N.; MARQUES, A. V. C.; ROGERS, P. Determinantes do Desempenho Acadêmico em Ciências Contábeis: Uma Análise de Variáveis Comportamentais. **Anais do XIV Congresso USP**. 2014. São Paulo, SP, Brasil.

NG, T. W.; SORENSEN, K. L.; EBY, L. T. Locus of control at work: a meta-analysis. **Journal of Organizational Behavior**. v. 27, n. 8, p. 1057-1087, 2006.

NORTE, C. E.; SOUZA, G. G. L.; PEDROZO, A. L.; MENDONÇA-DE-SOUZA, A. C. F. FIGUEIRA, I.; VOLCHAN, E.; VENTURA, P. R. Impacto da terapia cognitivo-comportamental nos fatores neurobiológicos relacionados à resiliência. **Revista de psiquiatria clínica**. v. 38, n. 1, p. 43-45, 2011.

OLIVEIRA, J. M. **Locus de Controle e a Efetividade Empresarial em Microempresários do Estado do Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado) Universidade do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2010.

OLIVEIRA, M. A.; REIS, V. L.; ZANELATO, L. S.; NEME, C. M. B. Resiliência: Análise das Publicações no Período de 2000 a 2006. **Psicologia Ciência e Profissão**. v. 28, n. 4, p. 754-767, 2008.

OLIVER, J. E.; JOSE, P. E.; BROUGH, P. Confirmatory factor analysis of the work Locus of control scale. **Educational & Psychological Measurement**. v. 66, n. 5, p. 835-851, 2006.

PASQUALI, L.; ALVES, A. R.; PEREIRA, M. A. M. Escala de lócus de controle Elco/Telebrás. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 11, n. 2, p. 363-378, 1998.

PESCE, R. P.; ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; SANTOS, N. C.; MALAQUIAS, J. V.; CARVALHAES, R. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 21, n. 2, p. 436-448, 2005.

POLETTTO, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia**. v. 25, n. 3, p. 405-416, 2008

POLETTTO, M.; WAGNER, T. M. C.; KOLLER, S. H. Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 20, n. 3, p. 241-250, 2004.

REED, S. A.; KRATCHMAN, S. H.; STRAWSER, R. H. Job Satisfaction, Organizational Commitment, and Turnover Intentions of United States Accountants. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**. v. 7, n. 1, p. 31-58, 1994.

REINMOELLER, P.; BAARDWIJK N. The link between diversity and resilience. **MITSloan Management Review**. v. 46, n. 4, p. 61-66. 2005.

RIBEIRO, C. Em torno do conceito *Locus* de controle. **Máthesis**. v. 9, p. 297-314, 2000.

RODRIGUES, D. M. **Os Aspectos Cognitivos da Qualidade de Vida**: um estudo entre as variáveis do Locus de Controle e as do Bem-Estar Subjetivo. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2007.

ROTTER, J. B. (1954). **Social learning and clinical psychology**. Englewood Cliffs: New Jersey: Prentice-Hall.

ROTTER, J. B. **Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement**. Psychological Monographs. Washington. EUA, 1966.

RUTTER, M. Resilience: some conceptual considerations. **Journal of Adolescent Health**. v. 4, p. 626-631, 1993.

RUTTER, M. Resiliência como um conceito dinâmico. **Development and Psychopathology**. Cambridge University Press, v. 24, p. 335-344, 2012.

SANTOS, A. C. M. **Resiliência: um estudo da associação da resiliência do gestor e o sucesso do empreendimento no contexto das micro e pequenas empresas**. Dissertação (Mestrado), Campo Limpo Paulista, Brasil, 2011.

SIEGEL, G.; RAMANAUSKAS-MARCONI, H. **Behavioral accounting**. Cincinnati, Ohio: South-Western Publishing CO., 1989.

SILVEIRA, D. R.; MAHFOUD, M. Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. **Estudos de Psicologia**. v. 25, n. 4, p. 567-576, 2008.

STARR, J.; NEWFROCK, J.; DELUREY, M. Enterprise resilience: managing risk in the networked economy. **Strategy Business**. v. 30, p. 1-10, 2003.

TAMAYO, A. Validade fatorial da escala de Levenson de *Locus* de controle. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 5, n. 1, p. 111-122, 1989.

TAVARES, J. A Resiliência na Sociedade Emergente. In: TAVARES, J (Org.). **Resiliência e Educação**. p. 43-75. Cortez, São Paulo, 2001.

TSUI, S. L. J.; GUL, F.A. Auditor's behaviour in an audit conflict situation: A research note on the role of locus of control and ethical reasoning. **Accounting, Organizations and Society**. v. 21, n. 1, p. 41-51, jan.1996.

TROMBETA, L. H.; GUZZO, R. S. L. **Enfrentando o cotidiano adverso**: estudo sobre resiliência em adolescentes. Campinas: Alínea, 2002.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. The framing of decisions and the psychology of choice. **Science**. v. 211, 1981.

VERGARA, S. C. A resiliência de profissionais angolanos. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 42, n. 4, p. 701-718, jul./ago. 2008.

WAGNILD, G. M., YOUNG, H. M. Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale. **Journal of Nursing Measurement**. v. 1, p. 165-178, 1993.